



ABORDAGEM EM SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Raphaella Alves Spellmeier, UNIFIEO, raphaela.fisio@outlook.com

RESUMO

A sexualidade é uma dimensão fundamental da vida humana, que envolve sensações corporais, experiências subjetivas e questões emocionais. Contudo, sua abordagem no contexto educacional permanece um tema delicado e insuficientemente explorado, em grande parte devido a crenças, tabus e desconforto social. A ausência de discussões abertas sobre sexualidade tanto no ambiente familiar quanto nas instituições de ensino leva muitos jovens a buscarem informações por conta própria, muitas vezes por meio de fontes inadequadas, como a pornografia. Esse comportamento pode resultar em efeitos negativos, como problemas de saúde mental, perpetuação do sexismo e aumento da violência sexual. Nesse cenário, a escola tem um papel fundamental na educação sexual e na prevenção de abusos infantis. No entanto, a falta de preparo dos profissionais da pedagogia para abordar o tema representa um desafio significativo. Este artigo propõe-se a analisar os currículos de formação de pedagogos para investigar as razões pelas quais a sexualidade humana é raramente discutida em sala de aula. Considerando que a sexualidade está profundamente ligada a afetos, proximidade física e carinho, além de ser influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais e éticos, a educação sexual precisa ir além da ênfase na genitalidade, incorporando aspectos como saúde, bem-estar e respeito aos direitos humanos. Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais tratem a orientação sexual como um tema transversal, ainda há lacunas na maneira como esse conteúdo é abordado nas escolas. Promover uma educação sexual adequada, fundamentada no respeito mútuo, no consentimento informado e na valorização da diversidade, é essencial. A análise da formação pedagógica pode fornecer insights sobre as razões que contribuem para a ausência dessas discussões no ambiente escolar.

Palavras-chave: Formação, Sexualidade Humana, Pedagogia

Data de recebimento: 13/06/2023

Data do aceite de publicação: 20/06/2024

Data da publicação: 30/06/2024

APPROACH TO SEXUALITY IN PEDAGOGICAL TRAINING

ABSTRACT

Sexuality is a fundamental aspect of human life, encompassing bodily sensations, subjective experiences, and emotional issues. However, its approach within the educational context remains a sensitive and insufficiently explored topic, largely due to beliefs, taboos, and social discomfort. The lack of open discussions about sexuality in both family and educational settings leads many young people to seek information on their own, often through inadequate sources such as pornography. This behavior can result in negative effects, including mental health issues, the perpetuation of sexism, and increased sexual violence. In this scenario, schools play a crucial role in sexual education and the prevention of child abuse. However, the lack of preparation among pedagogy professionals to address this subject represents a significant challenge. This article aims to analyze pedagogy training curricula to investigate the reasons why human sexuality is rarely discussed in the classroom. Considering that sexuality is deeply connected to affection, physical closeness, and care, as well as being influenced by biological, psychological, social, and ethical factors, sexual education needs to go beyond a focus on genitality, incorporating aspects such as health, well-being, and respect for human rights. Although the National Curriculum Guidelines address sexual orientation as a cross-cutting theme, there are still gaps in how this content is treated in schools. Promoting adequate sexual education based on mutual respect, informed consent, and the appreciation of diversity is essential. Analyzing pedagogical training may provide insights into the reasons behind the absence of these discussions in the school environment.

Keywords: Training, Human Sexuality, Pedagogy

INTRODUÇÃO

A sexualidade abrange as sensações corporais, as experiências subjetivas e as questões emocionais na vida humana. Durante a infância, a sexualidade se manifesta através de curiosidades, interesses, questionamentos, exploração do próprio corpo, curiosidade em relação ao corpo do outro e reconhecimento das diferenças sexuais (Maia, 2014). A obra de Sigmund Freud intitulada "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905) representou um avanço científico na compreensão da sexualidade infantil ao reconhecer que as crianças experimentam desejos, prazeres, curiosidades e dúvidas. Freud defendia, inclusive, a importância e o direito das crianças receberem educação sexual desde a infância.

Considerando a escola como um espaço público para abordar essa questão, é fundamental que ela acolha a família e desempenhe um papel social como centro de disseminação do conhecimento. Todo conhecimento, inclusive a sexualidade, é considerado patrimônio da humanidade (Meirelles, 1997, p.84). Apesar disso, a temática da sexualidade continua sendo um assunto delicado devido a questões de crenças, tabus e desconforto ao abordar o tema (Silva, 2015). No entanto, a falta de informação sobre sexualidade nos ambientes familiares ou educacionais não impede que as crianças e os jovens busquem informações por conta própria, através de conversas em grupos e pesquisas na internet (UNESCO, 2014).

Para compreender a busca desses jovens em relação às suas dúvidas, é válido mencionar o relatório realizado pela plataforma online "Dá o Clique" (2021), mantida pela Associação Família e Sociedade, em Portugal: o consumo de pornografia inicia-se em média aos 11 anos de idade; 10% dos consumidores de pornografia têm menos de 10 anos de idade; 1/3 das crianças entre 10 e 14 anos visitam sites de pornografia com frequência; 81% dos jovens entre 13 e 18 anos consideram normal o consumo de pornografia. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021) enfatiza que a exposição das crianças à pornografia pode levar a problemas de saúde mental, sexismo, objetificação e violência sexual, entre outros resultados negativos.

A sexualidade é um tema relevante e preocupante para os educadores atualmente, devido ao crescente apelo a uma sexualidade consumista e narcisista, no qual busca-se individualmente prazer sem conhecimento e informações coesas. A sexualidade está carregada de culpas, incertezas, medos e tabus (Junior, 2011).

Observa-se no último levantamento do Anuário de Saúde Pública Brasileiro (2022) que 76,5% dos estupros acontecem dentro de casa, tornando-se fundamental que a escola desempenhe um papel essencial no combate ao estupro de vulneráveis. Foram registrados 45.994 casos de abuso contra crianças e adolescentes de até 13 anos de idade. Mesmo considerando a subnotificação, esses números alarmantes demonstram a gravidade da situação, com mais de 4 meninas menores de 13 anos sendo estupradas a cada hora no Brasil.

É necessário estar atento à violência, que pode se manifestar de várias formas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), a violência é o uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaçado, contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade, resultando ou tendo grande probabilidade de resultar em lesões, morte, danos psicológicos, deficiências de desenvolvimento ou privação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) enfatiza o

direito ao respeito, que inclui a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, identidade, autonomia, valores, ideias, crenças, espaços e objetos pessoais.

Considerando que é responsabilidade de todos prevenir a ameaça ou violação dos direitos das crianças e adolescentes, a escola e os pedagogos devem estar preparados para lidar com questões de denúncia de violência infantil, além de promover a prevenção e o combate ao abuso infantil através da educação em sexualidade. A escola, como espaço público, deve acolher a família e desempenhar o papel de centro difusor do conhecimento.

A fim de compreender o motivo pelo qual a escola não aborda de forma clara e direta a educação em sexualidade humana, é necessário analisar a formação dos profissionais em pedagogia, pois não é possível ensinar algo sobre o qual não se tem conhecimento. É importante compreender que a educação em sexualidade humana vai além da genitalidade ou do ato sexual, abordando aspectos biológicos, psicológicos, sociais, afetivos e éticos, promovendo saúde, bem-estar, respeito pelos direitos humanos, equidade de gênero e capacitando crianças e jovens a levar uma vida saudável, segura e produtiva (UNESCO, 2018).

Segundo Cavalcanti (1993), a educação sexual é um conhecimento sobre a sexualidade que permite às pessoas transformar comportamentos.

Com o aumento da gravidez indesejada entre adolescentes e o risco de contaminação pelo HIV, as escolas começaram a se preocupar com a educação em sexualidade desde a década de 1980, incluindo a temática do aparelho reprodutor nos currículos. No entanto, essa abordagem não é suficiente para atender à ansiedade e curiosidade dos jovens em relação à sexualidade (Altmann, 2001).

Apesar de os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1996 considerarem a orientação sexual como um tema transversal, a educação sexual ainda é pouco trabalhada nas escolas atualmente. Os temas transversais abordam problemas fundamentais e urgentes da vida social e propõem trabalhar o conteúdo de orientação sexual em todos os ciclos escolares, não como um conteúdo específico de uma disciplina. No entanto, é comum que os alunos tenham contato com o tema apenas em uma disciplina específica e em poucas oportunidades.

O panorama geral do abuso infantil, as leis que protegem as vítimas, os movimentos sociais em prol da proteção à criança e a importância da escola na formação da sexualidade humana desses

estudantes são evidentes. No entanto, ainda há uma lacuna entre os professores em relação à abordagem dessa temática em sala de aula. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o currículo de formação desses profissionais em pedagogia a fim de compreender os motivos que levam à ausência de discussões sobre sexualidade humana nas salas de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade humana está intrinsecamente ligada a afetos, proximidade física e carinho, mas também à forma como o indivíduo se relaciona com a sociedade, expressando seus desejos, interesses e aspirações com base em suas experiências vivenciadas. A abordagem psicanalítica de Freud oferece uma compreensão do desenvolvimento da sexualidade desde a infância, reconhecendo diferentes estágios de desenvolvimento psicosssexual. Nesse sentido, Freud explorou conceitos como libido, repressão, complexo de Édipo e discutiu a influência da sexualidade na formação da personalidade (FREUD, 1905). A criança vivencia sua sexualidade desde o nascimento, e é através da progressiva descoberta do corpo e de seu papel social que a criança transita de uma identidade infantil para uma identidade adulta. O grau de autoconhecimento e segurança em relação à sua sexualidade desenvolvido ao longo da vida tem impacto na plenitude e segurança sexual na fase adulta (FREITAS, 2010).

A orientação sexual constitui uma parte significativa da sexualidade, conforme afirmado pela American Psychological Association (2015). Ela envolve a atração sexual por pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), do sexo oposto (heterossexualidade) ou por ambos os sexos (bissexualidade). Além disso, existem diversas identidades de gênero, como cisgênero (quando a identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento) e transgênero (quando a identidade de gênero difere do sexo atribuído no nascimento). A expressão de gênero diz respeito à forma como uma pessoa se expressa em termos de sexualidade por meio de comportamento, vestuário, linguagem ou outras formas de expressão. Essas expressões podem variar de acordo com as influências individuais e normas sociais. É fundamental destacar que a sexualidade é uma parte normal e saudável da vida humana, que deve ser respeitada, valorizada e celebrada. Todos têm o direito de expressar sua sexualidade de forma consensual, segura e privada. Promover uma educação sexual adequada, o respeito mútuo e o consentimento informado são elementos essenciais para garantir a saúde sexual e o bem-estar de todos.

SEXUALIDADE NA MATRIZ PEDAGÓGICA DO ENSINO SUPERIOR

Conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN, 2006) para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura, a docência é compreendida como uma ação educativa é um processo pedagógico intencional e metódico, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, que influenciam os conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia. Esse processo se desenvolve por meio da articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos, envolvendo processos de aprendizagem, socialização e construção do conhecimento, em um diálogo entre diferentes visões de mundo (Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura, 2006).

No entanto, ao analisar a grade curricular, percebe-se que a abordagem da sexualidade humana não está claramente incorporada como uma base de formação para o pedagogo.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), estabelece diretrizes para o desenvolvimento de atividades que compõem a grade curricular das instituições. Esses parâmetros curriculares incluem a obrigatoriedade de disciplinas transversais. É compreendido que, para que as crianças cresçam como cidadãos plenamente conscientes de seus papéis na sociedade, elas precisam ter domínio de algumas temáticas. Entre essas disciplinas transversais, destacam-se a Pluralidade Cultural e a Orientação Sexual (Parâmetros Curriculares Nacionais, Vol. 10).

No contexto dos PCN, a "orientação sexual" na escola refere-se a uma intervenção pedagógica que visa transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, com enfoque nas dimensões sociológicas, psicológicas e fisiológicas, sem impor valores ou crenças específicas. São propostos três eixos para orientar a intervenção dos professores: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. O eixo Corpo Humano tem como objetivo promover o conhecimento e o respeito pelo próprio corpo, bem como noções de autocuidado e saúde. A discussão de gênero baseia-se no questionamento e valorização dos papéis de gênero na sociedade, bem como na flexibilização desses papéis. Por fim, o tema da prevenção de ISTs fornece informações atualizadas e científicas sobre a prevenção de doenças e o combate à discriminação contra portadores de ISTs.

Os temas transversais devem ser abordados de forma transdisciplinar, ou seja, não estão vinculados a disciplinas específicas, mas devem ser abordados por todas as disciplinas de forma complementar. No entanto, isso resulta em uma abordagem pouco clara e adequada nas disciplinas oferecidas aos alunos. Ao analisar a grade de ensino de com 30 instituições de ensino

superior que oferecem o curso de Pedagogia no estado de São Paulo ficou claro que nenhuma delas oferece uma disciplina específica sobre Sexualidade Humana aos alunos. Quando solicitada esta informação por e-mail a coordenação dos cursos se a temática é abordada de alguma forma em alguma disciplina, foram observadas as seguintes respostas:

“A sexualidade humana é abordada de forma transversal em disciplinas distintas, como Educação Física e Artes, ou a discussão ocorre apenas em recortes do tema, como questões de gênero ou prevenção de ISTs.”

Outras instituições informaram que a abordagem da sexualidade fica a critério do professor em sala de aula, sem um padrão pré-estabelecido ou acordos determinados.

Apenas 3 instituições informaram oferecer uma disciplina optativa sobre educação e sexualidade humana, abordando temas como a construção cultural da sexualidade humana, o desenvolvimento humano e o sexo biológico, as relações entre o corpo e as diferenças sexuais, e o respeito às diversidades de gênero.

A grande maioria afirmou não possuir educação em sexualidade em nenhuma disciplina oferecida aos estudantes de graduação.

DISCIPLINAS TRANSVERSAIS

De acordo com Klein (2010), a transdisciplinaridade desempenha um papel de extrema importância no progresso do conhecimento, na abordagem de questões complexas e na preparação de estudantes e acadêmicos para enfrentarem os desafios contemporâneos. Sua relevância advém da sua capacidade de fornecer uma compreensão abrangente, estimular a inovação e a criatividade, bem como gerar soluções mais eficazes e socialmente pertinentes. Dessa forma, a transdisciplinaridade permite uma compreensão mais completa e holística de problemas complexos ao integrar conhecimentos, perspectivas e métodos provenientes de diferentes disciplinas. Tal abordagem possibilita uma visão mais ampla e aprofundada dos problemas, conduzindo, conseqüentemente, a soluções mais eficazes. Além disso, ela impulsiona o avanço do conhecimento, uma vez que incentiva a troca de ideias e o diálogo entre as disciplinas. Ao superar as barreiras disciplinares, os acadêmicos têm a oportunidade de explorar novos territórios intelectuais, descobrir novas interconexões e promover a inovação teórica.

Ao abordar a sexualidade no contexto educacional, é fundamental considerar as disciplinas transversais como meio eficaz de promover a compreensão e o respeito pela diversidade sexual (Richardson e Rasmussen, 2011). As disciplinas transversais perpassam diferentes áreas do conhecimento e estão interligadas de forma interdisciplinar, abordando a temática de maneiras diferentes e conectadas em todo o currículo escolar. Isso oferece uma oportunidade valiosa para explorar a temática de maneira abrangente (Repko, 2017).

Em um currículo interdisciplinar, ao tratar da sexualidade é essencial estabelecer conexões significativas entre diferentes disciplinas, conforme mencionado por Jacobs (1989) em seu livro "Interdisciplinary Curriculum: Design and Implementation". Evitar o ensino isolado e promover a integração revela as relações e interconexões existentes entre as disciplinas. Ao estabelecer essas conexões, os estudantes são capacitados a construir uma compreensão integrada e abrangente do mundo ao seu redor. É importante identificar temas que possam servir como pontos de convergência entre as disciplinas, explorando-os de maneira colaborativa com professores de diversas áreas. Isso possibilita que os estudantes percebam como os conhecimentos e habilidades se entrelaçam e aplicam em diferentes contextos, contribuindo para a transferência de conhecimentos e habilidades de uma disciplina para outra.

No que se refere à abordagem transdisciplinar na educação sexual, é pertinente reconhecer que a sexualidade é um fenômeno complexo e multidimensional, influenciado por diversos fatores, como os biológicos, psicológicos, socioculturais e históricos (Freud, 1905). Nesse sentido, disciplinas como biologia, psicologia, sociologia, antropologia, história, educação, ética e direito desempenham um papel relevante ao contribuírem para uma compreensão mais abrangente da sexualidade.

A disciplina da biologia fornece conhecimentos sobre os aspectos biológicos da sexualidade humana, como anatomia, fisiologia e reprodução (Herbenick, 2010). A psicologia investiga os aspectos psicológicos e comportamentais relacionados à sexualidade, incluindo a formação da identidade sexual e a expressão emocional e cognitiva (Tolman, 2011). A sociologia e a antropologia analisam a influência dos contextos sociais e culturais na construção e vivência da sexualidade, examinando normas, valores, papéis de gênero e dinâmicas de poder envolvidas (Gagnon, 1973). A história permite compreender como as concepções e práticas relacionadas à sexualidade evoluíram ao longo do tempo (Foucault, 1978), enquanto a educação desempenha um papel fundamental ao promover uma educação sexual abrangente, que inclui informações sobre saúde sexual, relacionamentos e consentimento (Tolman, 2011). A ética e o direito

levantam questões morais e legais relacionadas à sexualidade, como direitos sexuais e reprodutivos, discriminação e proteção legal (Dworkin, 1983).

Por meio da abordagem transdisciplinar, a educação sexual pode se beneficiar da contribuição dessas diferentes disciplinas, integrando conhecimentos de diversas áreas. Isso possibilita fornecer aos estudantes uma educação sexual mais ampla, informada e contextualizada, abordando as complexidades e nuances dessa dimensão fundamental da experiência humana.

O PROFISSIONAL DE PEDAGOGIA

As manifestações relacionadas à sexualidade são observadas em todas as faixas etárias, e é comum que os educadores rejeitem e reprimam tais manifestações. Essa conduta é baseada na crença de que a temática da sexualidade deve ser abordada exclusivamente pela família. Embora seja verdade que a família exerce influência na educação sexual, mesmo quando não discute abertamente o assunto, a construção da formação em sexualidade ocorre por meio de comportamentos, expressões, proibições e ensinamentos transmitidos aos filhos. Dessa forma, as crianças absorvem valores associados à sexualidade ao longo de seu processo de formação. No entanto, é compreendido que a escola, como um ambiente neutro, livre de valores conservadores, liberais ou progressistas, é onde a criança recebe as noções que contribuirão para a construção de sua sexualidade. Além disso, dúvidas surgem a partir de outras fontes externas, como a internet, livros, propagandas e pessoas fora do círculo familiar, gerando questionamentos nas crianças. Esses questionamentos são trazidos pelos alunos para o ambiente escolar, e cabe ao professor mediar e desenvolver ações críticas, reflexivas e educativas (UNESCO, 2014, p. 12).

Abordar a sexualidade nas séries iniciais permite que os alunos encontrem na escola um espaço de informação, proteção e formação em relação às questões relacionadas ao próprio corpo, ao desenvolvimento e à sociedade (UNESCO, 2008).

Professores e outros profissionais da educação defendem que a abordagem cuidadosa dos educadores em relação à educação sexual muitas vezes é negligenciada devido à falta de capacitação, fazendo com que muitos se sintam despreparados para ensinar sobre o tema. Isso ocorre tanto devido à falta de instrução durante a formação inicial dos professores quanto à ausência de oportunidades de aprimoramento e treinamento contínuo quando estão em sala de aula (Donovan, 1998).

METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise documental e na revisão bibliográfica. A análise documental será realizada sobre os currículos de formação de 30 cursos de Pedagogia oferecidos por universidades de São Paulo, com o objetivo de identificar a presença de conteúdos relacionados à sexualidade humana. O foco será na organização curricular, eixos temáticos e diretrizes pedagógicas que orientam a formação desses profissionais, visando compreender como o tema da sexualidade é abordado ou negligenciado durante a formação.

A revisão bibliográfica, por sua vez, inclui a análise de artigos científicos, livros e documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que tratam da educação sexual como um tema transversal no ensino básico. Esse levantamento bibliográfico permitirá contextualizar a relevância da educação sexual nas escolas e as barreiras encontradas na preparação dos pedagogos para tratar o tema de forma eficaz.

O estudo busca, assim, contribuir para o debate sobre a importância da formação de educadores capazes de lidar com a sexualidade de forma ética e responsável, oferecendo subsídios teóricos e práticos para aprimorar a inclusão do tema nos currículos de formação pedagógica.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de preparação adequada dos educadores em relação ao ensino da educação sexual pode ser atribuída à ausência de treinamento abrangente durante sua formação inicial. A falta de conhecimento sobre os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e éticos da sexualidade pode levar os educadores a se sentirem despreparados e desconfortáveis ao lidar com questões sensíveis relacionadas ao tema.

Além disso, pressões conservadoras e preocupações sobre moralidade e influência dos educadores na formação dos alunos também podem afetar o conhecimento e a disposição para ensinar sobre sexualidade. Essas influências externas podem gerar receios em relação a abordagens abrangentes e francas sobre a educação sexual, levando a uma preferência por evitar ou restringir o assunto nas escolas.

Outro desafio é a falta de consenso sobre a abordagem e o conteúdo da educação sexual. A ampla gama de tópicos que a educação sexual abrange, desde aspectos básicos de anatomia e fisiologia até questões complexas de relacionamentos, consentimento, contracepção,

infecções sexualmente transmissíveis, diversidade sexual e gênero, torna difícil alcançar um consenso sobre o que deve ser ensinado, como deve ser abordado e em que idade.

Para abordar essas questões, é necessário uma revisão e atualização dos currículos dos cursos de formação de professores, incluindo de forma mais explícita e abrangente a disciplina de Sexualidade Humana. A inclusão dessa disciplina nas grades curriculares das instituições de ensino superior é essencial para garantir uma formação adequada e abrangente dos futuros profissionais, capacitando-os a lidar de maneira sensível, informada e inclusiva com questões relacionadas à sexualidade humana. Isso contribuirá para combater estigmas, desinformação e promover uma educação sexual adequada nas escolas.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. (2001). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 575-585. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200014>
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. (2015). Guidelines for Psychological Practice with Transgender and Gender Nonconforming People. *American Psychologist*, 70(9), 832-864. doi: 10.1037/a0039906
- BERGSTRÖM, H., EIDEVALD, C., & WESTBERG-BROSTRÖM, A. (2016). Child sexual abuse at preschools – a research review of a complex issue for preschool professionals. *Early Child Development and Care*, 186(9), 1520–1528. doi: 10.1080/03004430.2015.1121253
- CAVALCANTI, R. da C. (1993). Educação sexual no Brasil e na América Latina. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 4(2), 164-173.
- Dá o Clique. (2021). Página principal. Recuperado de <https://www.daoclique.com.br>
- DONOVAN, P. (1998). School-based sexuality education: the issues and challenges. *Fam Plann Perspect*, 30(4), 188-193. PMID: 9711458
- DWORKIN, R. (1983). Pornography and the enforcement of morality. *Texas Law Review*, 62(4), 681-762.
- FOUCAULT, M. (1978). *The History of Sexuality, Volume 1: An Introduction*. Vintage Books.
- FREITAS, K. R. de, & DIAS, S. M. Z. (2010). Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. *Texto Contexto Enferm*, 19(2), 351-357. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072010000200017>

- FREUD, S. (2006). Um caso de histeria: Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora.
- GAGNON, J. H., & SIMON, W. (1973). Sexual conduct: The social sources of human sexuality. Aldine Publishing Company.
- HERBENICK, D., et al. (2010). Sexual behavior in the United States: results from a national probability sample of men and women ages 14-94. *Journal of Sexual Medicine*, 7(supplement 5), 255-265.
- JACOBS, H. H. (1989). Interdisciplinary curriculum: Design and implementation. ASCD.
- JUNIOR, J. (2011). Sexualidade e educação: um diálogo necessário. *Revista Lugares de Educação*, 1(2), 218-238. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rle>
- KLEIN, J. T. (2010). Interdisciplinarity: History, theory, and practice. Wayne State University Press.
- MAIA, A. C. B. (2014). “Sexualidade e educação sexual” -10-Jul-2014.